

VIVÊNCIAS NA AUSTRÁLIA: DESAFIOS DE CONVIVER EM OUTRA CULTURA, SEM O DOMÍNIO DO IDIOMA

Izabel Conceição

INTRODUÇÃO

Viagem. Durante o primeiro trimestre de 2015, tendo empreendido uma viagem à Austrália, apresento algumas ponderações sobre aquela cultura, que em algum grau têm contribuído para ampliar minha visão de mundo, mais notadamente, quanto à qualidade de vida, como valor primordial de um povo.

Objetivo. O objetivo deste relato é mostrar situações com as quais uma pessoa pode se deparar quando em trânsito em outro país, ainda mais, sem dominar o idioma. Além de analisar o holopense predominante, desse país-continente, que é a Austrália.

Motivação. Contingenciada pela necessidade de acompanhamento na recuperação da saúde de meu filho, que para lá fora a trabalho desde dezembro de 2014, não tive dúvidas quando surgiu a demanda assistencial grupocármica e para lá me desloquei, imediatamente.

Seções. Para melhor encadeamento ideativo, o texto está construído a partir das experiências vividas desde o momento em que soube da doença, a decisão da viagem, a viagem em si, a permanência, até o retorno ao Brasil, 90 dias depois. Neste sentido o artigo está dividido em 8 seções: I Da Doença do filho; II - Da Viagem de Ida; III - Do Hospital; IV - Da Recuperação em casa; V - Do Retorno ao Brasil; VI - Da Austrália; VII - Da leitura do Holopense local; e das VIII - Considerações Finais.

I – DA DOENÇA

Sonho. Tendo meu filho conquistado a oportunidade de realizar um antigo sonho de ter uma experiência profissional no Exterior, após cumpridas todas as exigências legais internacionais, ele e a esposa foram para Austrália final do ano de 2014.

Doença. Ainda em Dezembro de 2014, ao sofrer intoxicação alimentar, ele fora internado e dentre os exames de praxe, foi descoberto a existência de um tumor próximo ao duodeno, o qual requereria intervenção cirúrgica, o quanto antes.

Decisão. Em 22 de janeiro de 2015, ao tomar conhecimento dessa necessidade e em comum acordo familiar, ele decidiu voltar para operar no Brasil tendo, portanto, providenciado a compra de passagens de retorno.

Crise. Mas, nas vésperas do retorno, teve uma segunda crise, que o levou ao hospital e, desta vez, não teve alternativa, precisou sofrer a cirurgia, a qual se deu no dia 26.01.2015.

Ação. Até certo ponto estava tranquila, em face de todo o trâmite de retorno por parte deles, porém, ao me deparar com a inevitabilidade cirúrgica, optei em ir até ao encontro de meu filho e minha nora, e neste sentido, agi de imediato nas providências legais de obtenção do visto de saída do país e entrada em outro.

Família. A família foi de fundamental importância neste momento, tendo contribuído substancialmente em todos os sentidos: emocional, financeiro e logístico. Dois de meus irmãos se deslocaram de Mato Grosso do Sul para virem até o Paraná e me ajudarem na agilização dos documentos, nas pendências do cotidiano e, no suporte afetivo, para que eu pudesse ir sem gerar problemas ao meu contexto familiar e profissional, o que foi feito em 24 horas.

Recorde. Agiram em tempo recorde, pois eles chegaram no dia 26.01 e, já no dia 27.01, só retornaram à MS quando eu me encontrava embarcada no avião rumo a São Paulo, onde aguardaria a liberação do visto da Embaixada da Austrália, permitindo o ingresso naquele país.

Visto. Para liberar o Visto, foi uma maratona energética, pois dia 26.01 era o *Australia Day*, de modo que a documentação hospitalar que justificaria o ingresso em situação emergencial, só foi liberada no dia 27.01. Assim, o visto só saiu efetivamente dia 29.01, quando então, pude prosseguir viagem.

II - DA VIAGEM

Hotel. Hospedada há 2 (dois) dias em São Paulo, após supridas as exigências das Embaixadas brasileira e australiana, no sentido da obtenção do visto, no dia 29.01.15, embarquei pela empresa Singapore Airlines.

Aeroporto. Saí do Aeroporto Internacional de São Paulo em avião lotado de paraguaios que vivem em Barcelona e estavam vindo de Assunção onde haviam realizado negócios.

Barcelona. Em Barcelona, na Espanha, desembarquei e após algumas horas, empreendi novo trecho da viagem, desta feita para Singapura. Nestes dois trajetos, ouvir o idioma espanhol ainda soava como familiar.

Singapura. Singapura é um local belíssimo, permeado com a mais nova tecnologia, o aeroporto gigantesco era um show à parte. Nesse ambiente, foi o tempo de espera mais longo e cansativo, principalmente em função de não compreender os idiomas falados, numa profusão multicultural sem precedentes até então.

Indianos. O forte contingente humano de indianos e indianas trouxe certo acolhimento pelo fato inusitado de reconhecimento energético. Era notável a forma como me tratavam, pois manifestavam um carinho singular de afetividade e respeito. Vale ressaltar que os indianos falam fluentemente inglês, por ser a língua oficial de seu país.

Chegada. Cheguei de viagem em Brisbane, Austrália, no dia 31.01.15 às 23h, praticamente 3 (três) dias depois. A minha nora me recepcionou no aeroporto e desde a internação de meu filho, fora o primeiro dia em que esta iria dormir em casa.

Curiosidade. No trajeto SP - Brisbane, o catálogo do cardápio indicava a mudança de fuso horário, quando em determinado dia servira almoço, e, depois quando seria jantar, novamente servia almoço.

Fuso. A diferença de fuso horário entre estes dois destino é de 12 (doze) horas.

Jet lag. Vencido o espaço e ultrapassada a distância, faltava superar o ajuste biológico do corpo físico. Em tese, a cada uma hora de fuso horário, o corpo demora 1 dia para reajuste do seu biorritmo. Assim, nesse caso, levaria 12 dias para o perfeito ajuste do corpo físico ao novo horário. Isso é o efeito *jet lag*, e, no meu caso, foi isso que aconteceu. Tinha sono de dia e de noite dormia pouco, ficava horas acordada e na maioria das vezes com necessidade de comer, pois sentia fome.

III – DO HOSPITAL

Hospital. A partir do dia 01.02.15, iniciou-se a imersão diuturna de vivência nos bastidores de um hospital daquela localidade. A minha nora já estava vivendo aquela realidade há 6 dias, tendo inclusive acompanhado o paciente na própria UTI.

Trajetos. O tempo de trajeto entre a casa deles e o hospital durava em torno de 40 minutos de ida e outro tanto de volta. Felizmente, era em meio a uma paisagem belíssima, sob arcos floridos, jardins e gramados imensuráveis. Com trechos circundando a praia artificial, ladeada por lanchonetes, lojas de *souvenirs* e calçadão, onde nos finais de semana ocorria feirinha de artesanatos com música e gastronomia local.

Interlocução. Obviamente que toda e qualquer interlocução por mim estava restrita ao filho, quando não sedado, e à nora, pois só estes falavam português. Com os demais, a comunicação se dava por meio de sorrisos e olhares de compreensão e solidariedade.

Médicos. Os médicos e enfermeiros se comunicavam diretamente com o paciente, em face ao domínio deste do idioma local, e dentro do possível, este nos traduzia, para não ficarmos tão alheios ao que de fato ocorria com ele.

Autoencantoamento. A nora que já tinha boa noção do inglês, perdeu a inibição e enfrentou a conversação pela situação emergencial na qual se encontrava.

Estresse. Depois do estresse de várias mudanças de enfermarias, até mesmo de salas de isolamento em virtude de infecções, chegou o momento da obtenção de “alta” do hospital.

Tempo. Em meu caso, foram 15 dias de imersão no hospital, indo às 8h30 e retornando em torno das 20h00. Nesse período, o mundo se restringia as paredes do hospital.

Cenário. Lá foi o palco dos cenários de todo aquele teatro interassistencial, primeiro entre nós três – únicos membros da família naquela localidade – depois, de nós com os profissionais da saúde de convívio diário, e por fim, com os pacientes que adentravam ao hospital para os tratamentos específicos.

Alta. Perfazendo 21 (vinte e um dias) no Hospital, finalmente meu filho teve alta e fomos para casa.

IV – DA RECUPERAÇÃO EM CASA

Adaptação. Ao chegar em casa, sem o aparato tecnológico do hospital, foi preciso toda paciência do mundo de todos os envolvidos para superar a nova fase. Naturalmente, teve os prós e contras, tais como: a alimentação, o próprio ambiente, o carinho, a rotina, dentre outros fatores.

Caminhar. Gradativamente, numa conquista diária, o filho foi retomando o domínio do corpo e dos espaços. Começou caminhando 10 minutos por dia, de 2 a 3 horas nos sábados até no 30º dia estar em condições físicas para voltar ao trabalho.

Trabalho. Tendo retornado ao trabalho, mesmo de maneira lenta nas primeiras semanas, não interrompeu o fluxo e reconquistou sua autonomia, liberando-nos para seguir o curso normal da vida.

Nora. Minha nora começou seu curso de inglês em escola conceituada na Austrália.

Biblioteca. Comecei a frequentar a biblioteca pública diariamente, com vistas ao estudo e à escrita.

Rotina. A rotina da família ficou bem delineada: ele ia para o trabalho, ela para a escola de idiomas, e eu para a “Library”, onde ficávamos o dia inteiro. À noite, preparávamos a alimentação do dia seguinte, víamos filmes e, nos finais de semana, fazíamos compras no supermercado num dia e no outro, íamos conhecer algum ponto turístico da cidade.

Idioma. Em maior ou menor grau, de alguma forma, todos aproveitavam o tempo livre para praticar o inglês.

Social. A parte social com vizinhos e novos amigos foi inserida na rotina, e os passeios começaram a ser em grupo, tornando a estada naquela cidade melhor.

Conscienciologia. Como Austrália é um país continental, os voluntários da Conscienciologia estão longínquos uns dos outros, todavia isso não impedia os encontros virtuais com regularidade. Assim, duas pessoas de Sidney, mais três de Brisbane e, posteriormente, mais dois de Adelaide, compunham a equipe pró-Conscienciologia. Muitas ideias geradas naquelas reuniões semanais, algumas bem plausíveis de serem levadas a bom termo.

V – DO RETORNO AO BRASIL.

Volta. Decidi o meu retorno ao Brasil após vencidos os 3 (três) meses do Visto de turista e quando constatei que as coisas estavam bem encaminhadas.

Data. Assim, dia 29.04.2015 empreendi a volta, pelo mesmo trajeto de ida, via Singapura, Barcelona, São Paulo e Foz do Iguaçu.

Viagem. A viagem de retorno ocorreu sem maiores transtornos, até certo ponto bem tranquila, já com maior domínio do idioma e maior desenvoltura interativa com estrangeiros em geral.

Foz. Cheguei em Foz do Iguaçu dia 01.05.15 e, a seguir, viajei para Mato Grosso do Sul, para o encontro com a minha família, só retornando de fato, dia 12.05.2015, já recuperada do efeito do *jet lag*.

CCCI. Com outra perspectiva no tocante ao *modus operandi* no voluntariado, fui retornando às atividades na CCCI - Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional.

VI – DA AUSTRÁLIA

País. A Austrália é um país de florestas tropicais e matas arborizadas; de praias douradas e desertos áridos.

Cultura. Sua cultura indígena (povos Aborígenes) é das mais antigas culturas contínuas do mundo. Têm vivido aqui desde há 40.000 a 60.000 anos.

Nação. Ao mesmo tempo é uma jovem nação (227 anos - data base: 2015); uma nação de imigrantes. Pessoas de mais de 200 países escolheram a Austrália para se estabelecerem. Como resultado, a sua sociedade é uma das mais diversas do mundo.

Colonização. A colonização europeia iniciou quando os primeiros 11 navios de degredados, que se tornaram conhecidos como a “Primeira Frota”, chegaram da Grã-Bretanha a 26 de Janeiro de 1788. Nessa altura, as leis britânicas eram severas e as prisões já não tinham lugar para o grande número de pessoas encarceradas pelos seus crimes. Para resolver este problema, o Governo Britânico decidiu transportar estes degredados para o outro lado do mundo; para a nova colônia de Nova Gales do Sul. Foi uma prisão a céu aberto, livre de grades. A real prisão fora o degredo da Inglaterra.

Origem. Os primeiros colonos *livres* vieram da Grã-Bretanha e da Irlanda. Esta herança britânica e irlandesa teve uma importante influência na história, cultura e instituições políticas da Austrália.

Imigrantes. Os chineses foram o primeiro grande grupo de imigrantes sem ser da Europa. Em 10 anos, a população mais do que duplicou. Hoje, a Austrália tem uma população de cerca de 23 milhões de pessoas. Mais de 1/4 (um quarto) destas pessoas nasceram no Exterior.

Língua. A língua nacional da Austrália é o inglês. A comunicação em inglês é importante para se tirar o maior proveito da vida e do trabalho na Austrália, porém, as outras línguas também são apreciadas. Na sociedade diversa australiana, falam-se mais de 200 línguas.

Símbolos. Os animais símbolos são o *canguru* e o *koala*. A flor nacional da Austrália é a *mimosa dourada*. As cores nacionais da Austrália são o *verde* e o *amarelo* dourado, as cores da mimosa dourada. E *opala* é a pedra preciosa nacional da Austrália.

Religião. A Austrália tem uma herança judaico-cristã e muitos australianos consideram-se cristãos. Porém, o governo da Austrália *não tem uma religião nacional oficial*. O governo trata todos os cidadãos da mesma maneira, independentemente da sua religião ou crença. Todavia, algumas práticas religiosas ou culturais, tais como ser casado com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, são contra a lei australiana.

Pontos negativos. Os jovens são relativamente aliciáveis. Exemplo 1: o islamismo tem sido introduzido ao modo de “convencimento” a muitos jovens australianos, em plena praça pública. Exemplo 2: há um número expressivo de jovens com tatuagens por todo o corpo.

Pontos positivos. Os jovens podem começar a trabalhar aos 13 anos, como aprendizes. E é cultural saírem de casa para serem independentes em torno dos 18 anos. A partir de então, eles que arcam com seus custos pessoais, inclusive o custo com educação. E também costumam se desligarem do convívio familiar. A impressão que dá é que os pais cumpriram com a “missão” de povoamento do país.

Política. A sociedade australiana é pacífica e democrática. O sistema de governo estável e os australianos respeitam a autoridade e as leis do governo. Os australianos acreditam na dignidade

e liberdade de cada indivíduo, na igualdade entre homens e mulheres e na supremacia da lei. Têm orgulho de terem construído uma nação coesa e unificada, e fazem tudo para que ela continue assim.

Expressão. Na Austrália, os australianos são livres para se reunirem em lugares públicos ou privados para discussões sociais ou políticas. Podem criticar o governo, protestar contra decisões do governo e fazerem campanhas para mudar as leis. Porém, todos os protestos devem ser de acordo com a lei. Isto significa que eles devem ser pacíficos e não devem lesionar qualquer pessoa nem danificar propriedade alheia.

Constituição. A união nacional foi uma dura conquista, mas, em 1º de Janeiro de 1901, as colônias uniram-se numa federação de estados. E a Lei da *Constituição da Commonwealth* da Austrália de 1990 é o documento legal que estabelece as regras básicas para seu governo.

Monarquia. A Austrália é uma monarquia constitucional, ou seja, é um país cujo chefe de estado é um rei ou uma rainha, mas este(a) tem de agir de acordo com a constituição. O Chefe de Estado da Austrália é a Rainha da Austrália, Sua Majestade Isabel II (Rainha da Inglaterra).

Brasileiros. Já são quase 20 mil os brasileiros que escolhem este país *anualmente* para desenvolver novas habilidades – desde o inglês até pesquisa de ponta.

Área. Em área, a Austrália é o 6º maior país do globo, logo após o Brasil. Por seu tamanho e por ser completamente rodeada por mar, a Austrália é muitas vezes chamada de “continente-ilha”.

IDH. Segundo a ONU, em 2012 a Austrália ocupava o 2º lugar na lista de países com maior Índice de Desenvolvimento Humano do mundo, perdendo apenas para a Noruega.

População. A população do país é de 23,3 milhões de habitantes, com cerca de 37% concentrados em Sydney e Melbourne. Sua capital é Camberra.

Intercâmbio. Os estrangeiros são cerca de 20% dos alunos das universidades, e o país é o 4º destino preferido para cursos de graduação e pós-graduação, atrás apenas dos Estados Unidos, Reino Unido e Canadá.

Nobel. Um claro sinal da qualidade do ensino superior da Austrália é o fato de a sua comunidade científica já ter conquistado doze prêmios Nobel nas áreas de Medicina, Física, Química, Economia e Literatura.

Qualidade de Vida. A Austrália têm 4 dentre as 10 melhores cidades do mundo para se viver em qualidade de vida. As cidades foram avaliadas levando em consideração 30 fatores qualitativos e quantitativos em cinco grandes categorias: estabilidade; saúde; cultura e meio ambiente; educação e infraestrutura. São elas: 1ª. Melbourne; 6ª. Adelaide; 7ª. Sidney; e 9ª. Perth.

VII – DA LEITURA DO HOLOPENSENE AUSTRALIANO

Eis uma breve análise do holopense de Brisbane, sob a minha ótica, o qual infiro que possa refletir o holopense australiano:

1. **Abertismo consciencial** nítido. É um local privilegiado nesse sentido;
2. **Acolhimento.** Bancos de jardim em todos os lugares; praia artificial; grande número de parques e jardins;

3. **Alimentação.** Saudável, priorizam orgânicos e *gluten free*;
4. **Atividade física** diárias. Ciclismo, corridas, caminhadas, além de dezenas de academias;
5. **Autenticidade.** Ele não tem vergonha de serem eles mesmos. Não há preconceitos tão evidentes, respeitam os próprios interesses e agem, sempre, dentro da Lei;
6. **Biblioteca.** Há várias bibliotecas e são muito bem frequentadas. E nelas as pessoas têm autonomia, entram de mochila, pegam os livros e estudam a vontade, em “n” espaços;
7. **Bom Humor.** Até os longevos, você não os vê reclamando, em geral, estão “de bem” com a vida;
8. **Confiança no governo.** As leis funcionam, então eles não as desobedecem;
9. **Clima.** O clima é parecido com o Brasil.
10. **Convívio.** As pessoas são simpáticas, agradáveis e empáticas. É um *Brasil que deu certo*;
11. **Cultura.** É bem presente o ecletismo e a diversidade cultural;
12. **Perfil.** A grande maioria possui a cultura do estudo e da pesquisa;
13. **Longevos.** Do jeito fraterno com que cuidam das crianças, eles cuidam dos longevos;
14. **Ponderação.** Não dramatizam (por exemplo, após um ciclone de quase 300Km por hora não se falam em mortos, porque eles evacuaram a área em tempo através de 5.500 homens atuando e fecham cerca de 100 escolas nas áreas de maior risco);
15. **Privacidade.** As pessoas procuram não invadir a privacidade do outro, nem com o olhar;
16. **Profissionalismo.** São extremamente detalhistas e têm alto padrão profissional;
17. **Segurança.** A segurança é prioridade zero, pois não há violência urbana. A polícia funciona. Ex: os bancos não possuem porta com detector de metais;
18. **Solidariedade.** Há um nível acima da média do senso de solidariedade uns com os outros;
19. **Trabalho.** Como valorizam a qualidade de vida, para eles o trabalho é MEIO e não FIM;
20. **Valores essenciais.** “Liberdade”; “família”; “qualidade de vida”; “respeito”;
21. **Voluntariado.** A prática de voluntariado é comum, diuturnamente, nos órgãos de interesse coletivo.

VIII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Valores. Talvez por esse país ter sido uma prisão aberta da Inglaterra, em sua colonização, é fortemente impregnado com valores como liberdade e respeito ao próximo. Não invasão da privacidade e prioriza-se a qualidade de Vida.

Aprendizados. Estar em um país onde o holopensene possui esses valores, claros e inequívocos além de diametralmente oposto ao holopensene do *jeitinho* e da corrupção do Brasil, com certeza, gera um forte impacto positivo.

Introspecção. A introspecção contingenciada pelo não domínio do idioma, ao modo de um autismo involuntário, me propiciou em particular, a oportunidade de fazer um balanço de minha trajetória intermissivista na Conscienciologia, desde minha adesão à mesma, há 22 anos, em 12.02.1993, em Goiânia, GO.

Pré-intermissiologia. Sem sombra de dúvidas, ao viver naquele ambiente, com a multiplicidade de culturas, querendo interagir plenamente, mas cerceada pelo não domínio do idioma, restringindo-se apenas à interação energética, pude sentir um prenúncio do que seria a parte prática da pré-intermissiologia.

Preparação. Assim, esses fatores, decorrentes da vivência com aquela realidade, levaram-se a uma mudança de valores pessoais, no sentido de melhor me capacitar à assistência mais ampla, seja nesta ou numa próxima vida.

Mudanças. A primeira foi abrir espaço na agenda para cuidar do holossoma de modo mais equilibrado, investir no domínio de energias, além de aprender inglês, o quanto antes.

Reperspectivação. Ao retornar ao Brasil, optei em fazer algumas mudanças em minhas rotinas de voluntariado, privilegiando espaço para estudo e escrita de modo sistemático, além de cuidar da saúde, de maneira mais séria.

Agradecimentos. Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esse grande aporte proexológico na minha FEP.

Família. Agradeço especialmente a toda minha família que se uniu numa força-tarefa e, sem sombra de dúvidas, manteve o alento e o ânimo para juntos, superarmos essa dificuldade.

Amizade. Agradeço também o amor e a manifestação de amizade de muita gente, enviando as melhores energias que permearam essa vivência intensa de 90 dias na Austrália.

Imersão. Ao modo de uma atividade de imersão de ECP, de 3 dias, tivemos uma Imersão de 3 meses, “encapsulados” com atuação energética sincrônica de equipins e equipexes.

Cicatriz. E, todos que passamos essa experiência, vincamos essa cicatriz positiva no psicossoma, contribuindo para aprender a ser um pouco melhor consigo e com os demais.

Vida. Assim é a vida: “vivendo e aprendendo” sempre, em todo o lugar e circunstâncias.

REFERÊNCIAS.

1. **A vida na Austrália.** Attorney General’s Department. Robert Garran Offices, National Circuit. Barton ACT 2600. ISBN 978 1 921446 49 8. Publicado em Outubro de 2007.

2. **Guia para Estudantes Brasileiros na Austrália.** Embaixada do Brasil em Camberra. Redação e Design: Ana Paula F. Lacerda e Marina F. Lacerda. Austrália, dezembro de 2013.

Maria Izabel da Conceição é administradora, pós-graduada em Cooperativismo e Associativismo. Voluntária na Conscienciologia desde 1993.

MAIS VIVÊNCIAS
INTERNACIONAIS